

# A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Typographia de Paula Brito* — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5000 rs. por seis meses para a côrte, e 6000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 120 rs.

## A MARMOTA.

### AOS NOSSOS LEITORES.

Hoje conta a *Marmota* dez annos de existencia!.. O primeiro numero da *Marmota na Côrte* foi publicado em 9 de Setembro de 1849, redigido pelo Sr. Prospero Diniz (já redactor da *Marmota da Bahia*), que, cedendo-nos a gerencia dessa folha até que, retirando-se para Pernambuco, deixou de escrever, quer durante a sua estada n'aquella provincia, quer depois de regressado a esta capital, pelo que passou a *Marmota* ao nosso dominio, recebendo o Sr. Prospero a parte que lhe foi por nós destinada, negocios estes de que já demos conta.

O infeliz iniciador da *Marmota na Côrte*, porém, voltando para a Bahia, já gravemente enfermo, falleceu logo depois n'aquella cidade, e de sua vida nada mais se soube até hoje.

## POLYMETNE.

### O FILHO DO PESCADOR

#### Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA  
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065. Continuação do n. 1088.)

—A criminosa é minha mãe...

Ah! palavras doces em si proprias, e agora amargas no fundo de tanta afflicção, que amontoavam a mais extrema dôr sobre tudo quanto ha de mais doloroso!

E com effeito, Emiliano não só as pronunciou no mais afflictivo e pathetico accento, como no acerbo delirio de sua angustia atirou-se aos pés de Augusto, exclamando em sentido pranto:

—Ah, senhor! a criminosa é minha mãe! Meu pae... tenho jus a este nome, sois o marido de minha mãe... meu pae, meu bom pae, perdão... perdão para minha mãe... Ah! é minha mãe!...

Que scena de dôr! Que lucha de sentimentos! Que quadro!

—E' minha mãe!...

Eram as palavras que Emiliano repetia sempre soluçando e abraçado com os pés de Augusto.

—E' minha mãe!...

Da *Marmota da Bahia*, na cidade de S. Salvador; da *Marmota Pernambucana*, na cidade do Recife; da *Marmota na Côrte* e depois *Marmota Fluminense*, nesta cidade, só restam hoje a *Marmota*, na Bahia, de que é editor-proprietario o Sr. Pedrosa, e esta *Marmota*, cujo editor-proprietario e redactor em chefe somos nós.

Vive a *Marmota* ou vegeta? é isto o que se não pôde bem definir.

Se vive, como não toma ella a posição a que tem direito pelos annos que conta e pelos recursos que tem?

Se vegeta, qual é a vontade forte que a sustenta no meio do desanimo de que vive cheio o jornalismo, pela indifferença que tem pelas letras, ou negação a ellas?

E' isto um problema, que não nos é dado resolver.

O facto é, que a *Marmota* chega hoje ao seu—decimo anniversario—sem inimigos, sem antagonistas, sem desafioçados, ao que nos parece, porque ella é de uma excentricidade tal, que não prejudica os interesses

Synval pranteava como talvez nunca. Augusto, arrependido de sua revelação, tapava o rosto com as mãos, suffocado em pranto, Laura, cahida de joelhos insensivelmente parecia gelada no meio de tantos sentimentos de dôr. E Emiliano repetia sempre entre soluços—E' minha mãe!...

Que linguagem tão enérgica! Poderéis vós nesse grande código da natureza traduzir essas palavras?

—E' minha mãe!...

Mancebo, não te calarás?! Até quando queres despedaçar nossos corações? Mas não: dize, dize outra vez: outra; muitas vezes; dize sempre:—E' minha mãe!... —Prantea, pede, roga... Uma mãe, ainda perveza, é sempre cara ao coração de um bom filho! Implora o seu perdão, ainda que te custe lagrymas de sangue! Eis, outra vez, dize sempre:—A criminosa é minha mãe!—Dize, completa o teu triumpho; lança por terra derribado o tremendo altar da justiça; e sobre as suas ruinas colloca a victoriosa natureza perfumada pelos incensos da humanidade! Laura no meio desta scena de angustias cahida de joelhos com as mãos erguidas ao céu exclamava, como em um delirio de dôr:

—O' meu Deos, porque a morte me não livra do peso dos meus crimes?

Emiliano, correndo para ella, exclama na maior commoção de sentimentos:

—Minha mãe, minha mãe, não desesperes... Deos é grande, e sua misericordia infinita! Elle não quer a morte do peccador criminoso, porque ama as lagrymas do seu arrependimento!...

—Deos é grandel! Sim, meu filho, Deos

de ninguem, e vive como pôde sem offender a gregos nem a troyanos.

O que é verdade, porém, é que a *Marmota* não sendo folha politica, mas tendo uma côr politica tão pronunciada como a de seu redactor, tem, contudo, atravessado o periodo de sua longa existencia sem ferir a reputação de homem algum notavel no paiz, e ainda menos d'aquelles a quem chama—seus homens.

Brilhantes quadras tem a *Marmota* contado em sua vida de—dez annos.—Poucas são as pennas notaveis do paiz, que já não tenham abrilhantado suas columnas com artigos mais ou menos importantes: ella sabe o que della se tem exigido, os serviços que directa e indirectamente tem prestado. Boa para todos, docil e condescendente, respeitadora sempre do merito, apologista do talento, inimiga da—sciencia engarrafada— a *Marmota* não tem cedido, nem cederá jamais a aquillo que ella entender que é—uma imposição.

Quanto ao seu brasileiroismo, que o di-

é grandel!... O' meu Deos, dá-me um arrependimento forte para morrer digna de meu filho...

Oh milagre! Oh triumpho da natureza n'um coração criminoso! Ella falla em arrependimento... Oh amor maternal! Oh natureza!

Neste momento Emiliano estava tambem cahido de joelhos junto de sua mãe, e erguendo as mãos ao céu, exclamava:

—O' meu Deos, lança sobre minha mãe teus olhos cheios de misericordia! Trazo ao teu rebanho, Senhor, esta ovelha delle desgarrada...

Depois erguendo-se, veio para Augusto: chega-se a elle, pega-lhe na mão direita beija-lha; e sem pronunciar palavra, com uma gesticulação, que revelava toda a intensidade da dôr de seu coração, e todo o fogo do amor filial, estendendo o dedo indice, lhe mostrava sua mãe!

Nunca a dôr, nunca o remorso, nunca o arrependimento, se mostraram tão sublimes, nem jamais apresentaram um tão interessante quadro!

Laura na postura, que vos descrevi, parecia implorar as misericordias do Senhor! Seus olhos embebidos no céu nem pestanejavam! E duas fontes de lagrymas se deslizando delles, vinham alagar o assoalho em frente de seus joelhos! Era um santo extase da natureza, e da religião, isto é, do amor maternal, e do arrependimento! Sua cabeça era um grande e tormentoso lago de dolorosas reminiscencias, em que havia um unico porto de salvação—o arrependimento!

(Continúa.)

gam aquelles que com ella tem questionado: é isso cousa em que ella faz sempre sobresahir sem o receio de comprometter-se, nem de arriscar-se ás eventualidades da occasião:—«*não teme, porque não treme.*»

Regular em sua publicação, limitada ao circulo que a si mesma traçou, outros, que não nós, nutrem a esperança de vê-la tomar no paiz melhor posição, marchando desassombrada; e é alimentada por esse bafio animador, que olla em vez de annunciar hoje aos seus leitores o apparecimento de seu ultimo numero, vem, pelo contrario, dizer-lhes que, firme no seu posto, bicho dos Alpes, ou camara optiva, a *Marmota* continuará a ser vigilante atalaja dos interesses do povo, das letras, da sciencia, do commercio, da industria e das artes.

Aquelles, por tanto, que por seu homogenio bemfazejo e decidida predilecção por nós, e pela nossa folha, entendendo que nos devem ser uteis, não pelo que lhes temos feito pessoalmente, mas pelos serviços que temos prestado ao paiz e poderemos ainda prestar, fazem gosto em que a *Marmota* vá além dos seus—dez annos—mais por nós, talvez, do que por ella mesmo, a esses é que os apaixonados de uma folha que é essencialmente volada ao—**BELLO SEXO**—tem de agradecer a sua continuacão.

Mas de quem será esse bafio protector? Quem será esse ser miraculoso a quem a *Marmota* tanto obedece e que tanto influencia no animo, ás vezes obstinado, do seu redactor?

Esse é o nosso segredo.

Querem os leitores ouvir uma historia de mysterios?—ouçam:

«Sexta feira 9 de Setembro proximo futuro completa a *Marmota*—dez annos—de existencia. Por vós tem ella vivido até hoje: acho, porém, que ella seria por demais exigente se continuasse a querer sustentar uma vida, que só a vós é clara.

«Se depende de tão pouco a vida da *Marmota*—viva. Faça os seus—dez annos—descaçados e sobre esses conte mais com, para levar á posteridade o nome de seu proprietario e redactor em chefe.

Seria uma cousa digna de ver-se a *Marmota* com 110 annos de vida! Só por isso eu desejaria ressuscitá-la...

E' ou não um mysterio?

Os—ANJOS—que respondam.

Não viverá, porém, a nossa folha esse desejado tempo, porque curvado ao peso de um destino ignaro, não poderemos com elle até lá, mas não morre de certo no anno de 1859.

### Lord Palmerston.

Henry John Temple, visconde de Palmerston um dos maiores estadistas da Inglaterra e de toda a Europa, nasceu a 20 de Outubro de 1784, descendente de uma familia que residia na Irlanda a mais de um seculo e cuja origem se perde nas lendas dos tempos antigos; sangue dos Chandos e dos Buckingham circula-lhe nas veias.

John Temple Palmerston estudou nos mesmos bancos da escola de Harwin, em que se sentaram os Byron, os Babbalases, os Aberdeen, os Robert Peel e outros jovens que se tornaram celebres; entrou depois para a universidade de Edimburgo e alli foi condiscipulo dos Russell, dos Hernez, dos Jeffrey e dos Broughan, e findou sua educacão classica na universidade de Cambridge. Apenas tinha elle chegado a maioridade, em 1807, quando o *boury pourri* elegeu-o para seu representante na camara dos communs. Já a esta época a aristocracia ingleza o considerava uma grande esperanza da Inglaterra; e aos vinte e tres annos elle figurava entre os Lords do almirantado; pouco tempo depois era nomeado secretario do Estado dos negocios da guerra em substituição a Lord Castlereage. Exerceu este importante cargo durante desenove annos. Todo mundo conhece não só o elevado grão de felicidade a que Lord Palmerston attingio, bem assim o importante papel que elle desempenhou nos negocios de seu paiz e do mundo inteiro. Visto não nos ser permitido tratar do homem como estadista, relevem-nos que o façamos como homem privado, para o que não duvidamos pedir alguns traços característicos ao excellento retrato traçado por M. Hyppolyto Castille.

«Ambicioso para seu paiz quanto era para si; devorado de um patriotismo absorvedor, Lord Palmerston tem a mira em uma unica cousa: a supremacia universal da Inglaterra pelo pensamento e pela materia.» Simpatheo com todo o homem, dotado de igual sentimento de nacionalidade, porém o que me torna esse typo ainda mais apreciavel na pessoa de Lord Palmerston é que esse grande pensamento se achava encerrado em um involucro tão elegante quanto se pode imaginar.

«Longe do partilhar os prejuizos vulgares contra o dandismo, tive occasião de observar que quando este dandismo não é companheiro da tolice e da fatuidade, pode-se considerá-lo como condição. Creio mesmo que não ha um unico parvo que aspire a sel-o, porque ainda que elle possua lindos cavallos, os melhores fornecedores de todos os generos, criado grave o mais intelligente, nunca passará de um imbecil, mui abastecido, penteado e vestido com a maior perfeição, porém não um dandy.

«O dandismo exige certa gravidade acompanhada da elegancia nos actos, nas palavras, nos gestos e nos vestidos, que muitas vezes é sufficiente para constituir a individualidade, como acontece com Brummel e d'Orsay.

«Pode-se considerar o sentimento correcto das formas em relações sociaes como simivirtude diplomatica, porém si o dandismo é aperfeiçoado pela probidade, lealdade e bons costumes, que distinguiam a Chateaubriand, torna-se quasi em heroismo.

«Os revolucionarios da indigna escola de Marat, esbojavam a Robespierre o respeito com que elle tratava as outras, deixando antever de certo modo seu egoismo. O aprendiz-artista, chamado Camillo Desmolin, bastante zombou do corajoso joven S. Justo que trazia a cabeça erguida como o S. Sacramento.

«Não é para admirar que um homem de estado e de maneiras tão elegantes como Lord Palmerston fosse escarnecido por esta classe de homens que pensando com J. J.

Rousseau acha indecente que se limpe a unhas

«Os jornaes torys, indignados da deserção de Lord Palmerston, e por não explicarem sua politica pessoal, não lhe perdoavam (os partidos horrorizam-se com os grandes vultos) vingando-se com o sarcasmo. Appelidaram o joven Lord do *Cupidon the juvenile whig* (o joven whig Cupido) Outros designavam-n'o sob o epitheto de sua senhoria cosmétique (*His Cosmetic Lordship*.)

«Lord Palmerston conta hoje setenta annos.

Sua phisionomia revela a mais elevada distincção, exprimindo ao mesmo tempo pureza de ideas e agudeza de espirito. Sua figura ainda conserva indeleivel o sigillo da elegancia que se via em M. Chateaubriand nos ultimos annos de sua vida.

Parece-me que a certa idade a elegancia não é mais que o reflexo da pureza d'alma,

«Os homens de estado da aristocracia ingleza resistem por muito tempo ao roçar dos annos. O seu bem estar, os recursos da opulencia unidos a tranquillidade de espirito conservam as molas da vida.

«Lord Palmerston possuia um mediocre patrimonio; porém o casamento contrahido com a viuva do Conde Cowper, celebre outrora por sua admiravel belleza, assegurou-lhe uma fortuna consideravel. Tornou-se por essa união cunhado de Lord Melbourne.

«Quando se contempla em seu todo a carreira de um desses ministros inglezes, julga-se entrar em uma das avenidas dos parques da antiguidade.

«Que differença com a febril e ephemera existencia dos estadistas francezes! Na França o poder é como uma noite de Aspasia o as saudades tão pungentes para certos homens que os matam e a outros fazem-os loucos.

«As ruas de Paris estão povoadas de antigos ministros e de funcionarios. Dahi resulta desigual competencia para os empregos publicos e o espirito de desprezo para com essas funcções e um profundo desdem dos funcionarios, perdendo-se assim o respeito devido á lei.

«O que preserva os estadistas inglezes de excitações febris e nervozas dos politicos Francezes é o cuidado que tem de limpar o pó do gabinete. Mais vale morrer de uma queda de cavallo ou de febre lenta do que de raiva.

«Lord Palmerston concebe o pôe em pratica de um modo a fazer admirar a vida completa e equilibrada onde os exercicios do corpo harmonizam-se com os do espirito.

«O mez de Outubro, que convida os Francezes a Pariz, chama os Inglezes ao campo. O nobre Lord vai descansar em seu castello senhoreal das fadigas do homem de estado. A caça, os melhoramentos agricolas e industriaes occupam seu tempo; reserva as noites para as conversações espirituosas do salão. As idéas que elle apresenta ora superficiaes, ora profundas denotam conhecimentos infinitamente variados que encontram os visitantes, que attrahe a si a grande hospitalidade britanica.

«Por alguns discursos de Lord Palmerston pode-se formar uma idéa do espirito que elle desenvolve nas conversações intimas no Castello. Em algumas occasiões elle recorre a ironia, para combater seus adversarios; mas essa ironia, qual lamina pontuda, toca sem

ferir. Esses homens salidos da classe de uma opulenta aristocracia nunca se expuzeram ás irritantes difficuldades da vida. A placidez de sua linguagem é o resultado da sabedoria adquirida por felizes circumstancias de sua condição, de seu temperamento e de sua educação.

« Byron deu-nos o exemplo do que pode ser um lord fustigado da fortuna e ferido no seu orgulho aristocratico.

« Pareza, lucidez, contentamento e o bom senso utilitario e todas as apparencias da sinceridade: são as qualidades dos oradores inglezes. A alguns cumpre ainda ajuntar o calor de Fox, a graça do Canniog, a pureza elegante do Sheridan, o espirito de Broughan, a persuasão de Cobden e a elevação de vistas de Palmerston.

## ALVINA

ou

### O EXISTIR DE UMA ROSA.

Era o albor da manhã. O rocio matutino orvalhava a superficie da terra, sendo aquellas horas animadas pela fresca e vivificadora aragem, que corria, e pelo trinar dos lédos passarinhos. E o canario alegre enthusiasmava-se nos seus gorgeios, porque saudava o nascer do astro diurno, que inundava com os seus raios de fogo o horizonte mergulhado n'uma viva côr, semelhante a de um incendio, que mostra querer devorar o espaço. O inflamado do horizonte cresce... cresce, e vai quasi esvaído tocar ao zenith.

Soltas algunos nuyens, pairando no oriente, retomam uma côr purpurina fechada. Nasce enfim o astro, trazendo animador o seu limbo mais que risonho, e expandindo os seus dourados raios, que coraoam os mais elevados cimos dos montes e arvores. Eis ahí, tendes o verso d'uma folha do livro immenso da natureza, escripto pelo autor Supremo. Observai-o em extasi o estudaio com attenção para conhecerdes a sua harmonia; e para conhecê-la bem, não bastam joras, nem dias, nem mezes, nem annos. A nossa vida por maior que seja será pequena para isso.

II.

O sol assomando no oriente foi com os seus raios bater em uma cruz n'um cemiterio, collocado ás fraldas d'uma collina. Uma mulher ornava o regaço dessa cruz, symbolo da morte, com uma coroa de flores, cntremeadas de frescas e vivas saudades. Era uma infeliz filha, que saudosa enviava lagrimas e suspiros á sua mãe, atravez da campa. Era Alvina que, com as negras tranças de seus bellos cabellos, cubidas pelos hombros, os seus lindos olhos, lacrimosos, erguidos de tempos a tempos para o céu, trocava a marcha coroa por outra recentemente acabada. Quinze primaveras vio Alvina escoarem-se para o nada, por que o passado é nada.

Nas manhãs de seus dias venturosos, depositava no collo da terna mãe, com divina sorriso, as primissas do seu jardim. Sua mãe beijava a offrenda, a flor rociada pelas doces lagrimas da aurora, e depois osculava-lhe a fronte, apertava contra o seu coração, a angelica cabeça do seu unico amor sobre a erra, em tributo ao vero amor filial.

Até então eram rosas; Alvina era feliz e nos seus labios morava o innocente sorriso d'um anjo.

Agora tambem era n'uma manhã das suas primaveras, trouxera uma offrenda á morada de sua mãe, orvalhada ainda pela aurora; mas era triste, a acompanhada de suspiros. Não podia receber a paga de sua offerta, não podia sentir nas suas faces os labios maternos, nem ser cingido o seu collo pelos braços queridos. Essa primavera da donzella era lugubre e a sua alma ennevoada estava por negra melancolia. Agora eram saudades acerbis.

O sol erguia-se e os seus reflexos illuminaram aquella scena de dôr verdadeira.

E tão verdadeira que, corrido elle e envergonhado de trazer um cortejo tão fulgente, em hora que o agoniado coração d'uma filha, carpia sobre o tumulto de sua mãe, occultou-se de subito n'uma espessa cortina de nuyens.

E os proprios passarinhos respoitaram aquella dôr. Emmudeceram, deixando somente romperem o silencio os maguados suspiros d'ausencia.

III.

O sol occultando-se no occaso, recolhera os seus vivos raios. Do poente subia uma maravilhosa côr que, rarefazendo-se pouco a pouco, ia confundir-se com a do ceruleo firmamento.

Lá, no meio do esverdeado campo matizado pela primavera, via-se um tugurio. Pequeno era elle e pobre, mas tão acceido e limpo como o dia.

A' esquerda, estendia-se um limpo e pittoresco lago, cujas aguas eram docemente embaladas pela brisa da tarde. Aqui e ali via-se alvacentas casinhas, como engraçados relevos, que sobressahiam ao natural tapete do campo. De varios pontos chegavam pastores, com os seus nedyos rebanhos.

A' porta de sua cabana estava Alvina, n'um banco de pedra sentada, descansando nas finas mãos o rosto bello, e profundamente meditando. E' o meditar da virgem cheio de pungentes saudades, que entumecem-lhe dolorosamente o peito. E era um mal que definhava a sua existencia, que tornava os seus dias em amargura. Uma mulher tão velha e rugosa como Clotho, fiava n'um fuso do lado de Alvina; era Margarida, sua madrinha. A aura murmurava pelos ramos dos arbustos, e os passaros cantavam as suas ultimas harmonias em despedida do dia.

Alvina meditava.

Uma rola domesticada, que pousara-lhe amigavelmente no hombro, cantou; mas foi um gemido saudoso o seu cantar. A donzella estremeceu, como si acordasse d'um lethargo, e um gemido foi o echo da sua alma.

— Alvina, minha filha! exclamou a velha, deixando cahir o fuso das mãos, e meigamente tomando as da donzella— tu não aprecias quanto te amo. Essa misanthropia em que sempre te vejo, faz-me mal; essa tua pequena e corada boca, já não me invoca a mãisinha— e esses olhos côr da noite sem estrelas, já não me olham com tanto affecto, como dantes.

Sempre triste, triste; e nem o teu comprido e negro cabelo tem tido o trato que primitivamente gosou. As tuas flores... não fallamos, todas murcharam, porque a mão do anjo que as cultivava abandonou-as...

porém, não, lá tem uma que mereceu a tua sympathia; é a saudade. Alvina, Alvina— continuou a velha após curto silencio e sem as lagrimas pendentes— eu sou tua segunda mãe; encosta a tua fronte no meu peito, chora nelle, porque assim te consolarei. Neste mundo substituo o lugar de tua cara mãe, que gosou o seio de Deos. Não nos devemos entregar completamente á dôr, não; conformemo-nos com os decretos supremos. Tua mãe entregou-te a mim, e ella lá do céu te observa. As lagrimas saltaram dos olhos da donzella, que erguendo os para o céu, exclamou unicamente, mas com accento doloroso:

— Minha mãe! minha mãe!.

IV.

N'uma tarde, quando já se tinha no occaso escondido o sol, quando os seus ultimos raios acabavam de lançar sobre os objectos um sympathico dourado, quando a natureza bafejava apenas as petalas das verdes arvores e os passarinhos alegres cortavam com ligeiras azas o espaço, galgava Alvina um pequeno rochedo á borda do lago. Esse rochedo era negro e feio, inclinando a sua cabeça por sobre as aguas. Ahí, no pouco plano de seu cumo, a donzella em pé espreiava a vista pelo horizonte. Dirieis, que era uma estatua divinal, ahí erigida para presidir as aguas do lago, sinão fora o leve esvoaçar dos seus negros vestidos movidos pelas auras do crepusculo.

(Continua.)

### O BOM FILHO.

Um mancebo, recentemente matriculado n'uma academia militar de França, contentava-se com alimentar-se apenas com sopa, pão secco e agua simples; o governador, tendo disso conhecimento, mandou-o vir á sua presença, para inquirir da causa dessas voluntarias privações. O moço ao principio recusou fallar com franqueza, mas, obrigado a isso pelo governador, assim exprimio-se:

Ah! senhor! na casa de meu pai eu só tinha pão negro para comer e agua simples, e isso mesmo em mui limitada quantidade, aqui tenho boa sopa, em abundancia, e mui excellente pão; mas me é bem doloroso ter de passar a bons manjares, quando meu pai e minha mãe são agora obrigados ás mais peniveis privações!

— Seu pai não tem pensão alguma? perguntou-lhe o governador.

— Não, senhor; durante um anno elle solicitou a pensão a que tinha direito pelos seus longos serviços, mas, faltando-lhe os meios para prolongar a sua estada em Versailles, teve de retirar-se sem conseguir cousa alguma.

— Elle a obterá, meu amigo, fique certo disso; vou mandar-lhe já o seu primeiro quartel; aqui tem estes tres luizes para o senhor.

— Ah! senhor, exclamou o moço, ajoelhando-se, se o Snr. quizesse reunil-os á pensão que vai mandar-lhe... Eu de nada preciso, e meu pai no entanto não tem dinheiro para si, nem para sustentar meus irmãos!

A estas palavras do estudante, o governador enternecido, levanta-o e o aperta em seus braços, assegurando-o da sua solitu-

de: dirige-se depois á casa do ministro, que lhe concede a pensão requerida; e escreve ao pai do seu protegido, felicitando-o por ter um tão bom filho. \*\*\*

**O artista glorificado.**

Estando Ticiano a pintar em presença de Carlos V um dos seus mais bellos quadros, cahio-lhe das mãos o pincel, e o rei, que se havia apressado a apanhar-o, notou que os grandes de Hespanha que o acompanhavam, murmuravam dessa acção, por ser contraria ás leis da etiqueta; então elle como que para justificar-se desse proceder, disse-lhes, com sorriso ironico: « Depende de mim somente fazer em alguns momentos uma vitlana de homens como vós; porém só Deos pôde formar um Ticiano! » \*\*\*

Trad. por L. M. do Couto.

**A mulher.**

A mulher é flor mimosa,  
Que pela manhã nasceu  
Cheia de graça e magia,  
Mas que antes de findo o dia  
Sem perfume e côr morreu.

A mulher é uma estrellinha  
Que á noite brilhou no eco  
Atravez do nevoeiro,  
Mas com brilho passageiro,  
Que pouco depois morreu.

A mulher é como o sonho,  
Que á noite o poeta sonhou,  
Que só tem de verdadeiro  
Abraço n'um travesseiro,  
Que dormindo se beijou.

A mulher é uma esperança,  
Que ao longe — alem — acenou,  
Como em treva amiga estrella,  
Porém que ao pegar-se n'ella  
Se desfez, se dissipou.

A mulher é finalmente  
Uma flor de um dia só,  
— Branca e linda de manhã,  
A' tarde rubra e louça;  
Marcha á noite, causa dô! ...

.....

Mas assim sendo a mulher,  
Sendo tão humilde flor,  
Todos lhe dão oblações,  
A' seus pés mil corações  
Em chammas ardom de amor!

Do throno o rei á seus pés  
Vem c'roa e sceptro depôr,  
E o triste humilde — elevado,  
E o poderoso — humilhado  
Disputam o seu amor!

Alcion

(Jornal do Recife.)

**Descri.**

Descri, oh! fada, mil tormentos n'alma  
Me deste d'improvisol  
Venturas que sonhei, ei-las perdidas  
Em face d'um teu riso!

Descri, oh! fada, se te smeí — mentido  
Foi meu sonho de amor!  
Que minh'alma votou a negro abysmo,  
Que m'infunde terror!

Pel tarde... embora! de minh'alma as dores  
Não podes mitigar!  
Sorrisos d'hontem aos tormentos d'hoje  
Vieste accumular!

Agora ao menos sentirei contente  
Meu tranquillo existir!  
E no vô altivo qu'a razão incita  
Inda quero t'ouvir!....

Tuas phrases meigas eu lerei contente,  
Quero ter em memoria...  
Serão lembranças desses dias bellos  
Da melhor victoria!

As lindas tranças qu'eu bejei então  
Guardarei: — qu'importa?!  
Serão quaes flores d'um passado inglorio,  
D'esperança mortal....

R. L.

**Que receias?**

Que receias, meu anjo, que assim temes  
As lavas d'um amor que é tão constante?  
Diz, louquinha, se já não tens as provas  
Que não posso viver de ti distante?

Por que te affliges? porque triste choras  
Me entristecendo com o teu triste pranto?  
Tem certeza, meu anjo, que na terra  
E's meu unico bem, meu doce encantol

Uma rival suspeitas?... por ventura,  
Haverá em attractivos uma igual...  
Ha quem seja no mundo tão formosa?  
Descansa, meu amor, não tens rival!

O que receias pois? teu pranto enxuga,  
Quero ver-te sorrir, ahi como és linda!  
Vem unir-te a meu peito, quero ouvir-te  
Doces phrases de amor... então?... ainda?!

Ainda hesitas: queres, pois, matar-me?  
Ingrata... porém não... eu já diviso  
A ventura em teus olhos que, fagueiros,  
As delicias me dão de um paraíso!

José Belmiro.

**RECEITAS.**

**OLEO DE MACASSAR.**

Oleo de girasol.....	90	grammas.
Gordura de ganso.....	30	»
Manteiga de cacão.....	8	»
Oleo d'ovos.....	8	»
Stepraxo.....	8	»
Nerolê.....	4	»
Essencia de tomilho.....	2	»
Balsamo do Perú.....	5	décigramma
Essencia de rosas.....	1	»

Misturai tudo, deixai digerir durante algumas horas, e filtrai.

**OLEO PARA OS CABELLOS.**

Oleo de ben.....	500	grammas.
Essencia de berganotta..	2	grammas.
Tintura de ambar.....	5	décigramma

**Charada.**

Em quanto amena figurei no palco,  
Meu existir foi sempre festejado;  
Aqui, neste papel que represento  
Tenbo um fim carregado!..... 2

Fui mulher desde os tempos da escriptura,  
Por todos conhecida e celebrada,  
Aqui com um breve posto em meio ao corpo  
Fiquei desfigurada..... 1

E como passaram rapidas as glorias  
De um povo grande e livre!  
Eu a vi; dous heroes em mimse encontram  
Ambos guerreiros, ambos esforçados.  
No infernal retintim do embate d'armas  
Ouvem-se hymnos diversos; um que exprime  
Da victoria a alegria, as rutilantes  
Cadeias do poder que doma o rege,  
Com soberano imperio:  
Outro que diz em pranto angustiado,  
Que um heroe vai fugir, e que com elle  
Bate as azas a santa liberdade! \*\*\*

— A decifração da charada do n. antecedente é Pirajá.

**O PYRILAMPO**

**JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.**

Este jornal, que constará de 8 paginas de impressão e em duas columnas, será redigido e collaborado por alguns jovens estudiosos e amigos do progresso; apparecerá brevemente, sendo publicado duas vezes por mez.

**Cartas Francezas**

**DOURADAS.**

muito finas, e de muito bom gosto e de boa picotagem; vendem-se, em caixas de dous baralhos, na loja de Paula Brito. Preço, 25000 rs.

**OBRAS MODERNAS**

**DA**

**Loja de Paula Brito.**

Confederação dos Timoyos, poema, pelo Sr. Magalhães, 1 vol. ....	55000
Viscullina, romance pelo Sr. Dr. Macedo, 3 vols. (nova edição) .....	45000
Carteira de meu Tio, pelo mesmo, 3 vols. (nova edição) .....	25000
Primo da California, comedia pelo mesmo ..	15000
Fantasma Branco, comedia, pelo mesmo ..	15000
Fatalidades de dous jovens, romance do Sr. Teixeira e Sousa, 3 vols. (nova edição) ..	35000
Cavalleiro Teutonico, drama, pelo mesmo ..	25000
Tres dias de um nuprido, poema pelo mesmo	25000
Novicio, comedia, pelo fallecido Penna. ....	15000
Lombardos, opera .....	15000
Bibliotheca das Senhoras, 1 vol. ....	18000
O Sr. José do Capote, folheto .....	15000
Prestigio da Lei, opera, pelo Sr. Porto-Alegre	5000
O Sr. José do Capote, folheto .....	5000
Effeitos do Vinho Novo, folheto .....	5000
Figurinas de Senhoras (a escollar) cada um.	5000

64 — PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO — 64

Typographia de Paula Brito  
64 — Praça da Constituição — 64